



J. SIMÕES LOPES NETO

ORDEM E PROGRESSO

# Lendas DO SUL

# Sumário

<u>Ficha Técnica</u>
<u>O Boitatá</u>
<u>A Salamanca do Jarau</u>
<u>O Negrinho do pastoreio</u>
<u>A mãe do ouro</u>
<u>Serros Bravos</u>
<u>A casa de M'bororé</u>
<u>Zaorís</u>
<u>O Angoéra</u>
<u>Mãe mulinha</u>
<u>São Sepé</u>
<u>O Lunar de Sepé</u>
<u>O Caipora</u>
<u>O Curupira</u>
<u>O Saci</u>
<u>A Iara</u>
<u>O Jurupari</u>
<u>O Lobisomem</u>
<u>A Mula sem cabeça</u>

# Ficha Técnica

Lendas do SUL

Copyright © 2012 by Editora Dracaena

**Produção Editorial** - Editora Dracaena

**Editor:** Léo Kades

**Diagramação:** Francieli Kades

**Capa:** César Oliveira

**Revisão:** Danilo Barbosa - Elaise Lima

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto 6.583, de 29 de setembro de 2008) 1ª Edição: dezembro / 2012*

Lendas do Sul/ J. Simões Lopes ;

1. Lendas. Contos. Rio Grande do Sul.

I Título. Autor. Editora.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a devida autorização da Editora.

Editora Dracaena

Rua Edson Crepaldi, 720 - Bal Rincão

CEP 88820-000 - Içara - SC

Tel. (48) 3468-4544

[www.dracaena.com.br](http://www.dracaena.com.br)

# O Boitatá

I

Foi assim: num campo muito antigo, houve uma noite tão comprida que pareceu que nunca mais haveria luz do dia.

Noite escura como breu, sem lume no céu, sem vento, sem sereno e sem rumores, sem cheiro dos pastos maduros nem das flores da mata.

Os homens estavam abatidos, numa tristeza só, porque churrasco não havia. Não mais sopravam as labaredas nos fogões e tinham de matar a fome comendo canjica insossa; as brasas estavam se apagando e era preciso poupar os tições.

Os olhos andavam tão cansados da noite que ficavam parados, horas e horas, olhando sem ver as brasas vermelhas da madeira. As brasas somente, porque as faíscas, alegres, não saltavam por falta do sopro forte das bocas contentes.

Naquela escuridão fechada, nenhum valentão seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo, nenhum cavalo crioulo teria faro, nem ouvido ou vista para encontrar seu caminho, nem ao menos encontraria o seu próprio rastro!

E a noite velha ia andando... ia andando...

# O Boitatá

No meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, não se sabe de onde, uma cantiga forte, de bicho vivente, furava o ar. Era o *quero-quero* ativo, que não dormia desde o entrar do último sol e vigiava sempre, esperando a volta do sol novo, que devia vir e que tardava a chegar...

Só o *quero-quero* de vez em quando cantava.

O seu — quero quero! — tão claro, vindo de lá do fundo da escuridão, ia aumentando a esperança dos homens, amontoados no redor avermelhado das brasas.

Fora disto, tudo o mais era silêncio. Ausente de movimento, então, nem nada.

## III

Mas na última tarde em que houve sol, quando ele ia descambando para o outro lado das coxilhas, no rumo do vento forte, lá onde sobe a Estrela D'alva, também desabou uma chuvarada tremenda.

Foi uma tromba d'água que levou um tempão a cair.

E durou... e durou...

Os campos foram inundados. As lagoas subiram e transbordaram em córregos, deslizando pelos tacuruzais e banhados, transformando-se numa coisa só. A água cresceu e todo o seu peso correu nas armadilhas para peixes, e de lá para os arroios, que ficaram bufando, afogando os vales,

batendo no lombo das coxilhas. E nessas ondulações de terra é que os animais pararam por fim, todos misturados e tomados pelo assombro. E eram bezerros e pumas, touros e potros, perdizes e cachorros do mato. Todos amigos de puro medo. E então...

Nas copas dos butiás juntavam-se bolos de formigas e as cobras se enroscavam nos aguapés emaranhados. Nas pontes feitas de santa-fé e tiriricas, boiavam os ratões e outros bichos miúdos. E como a água encheu todas as tocas, entrou também na da cobra grande, a — *boi-guassú* — que há muitas luas dormia quieta, de barriga cheia. Ela então acordou e saiu, arrastando-se.

Com toda essa chuva, os bichos começaram a morrer e a *boi-guassú* começou a comer as carniças.

Mas só comia os olhos e nada, nada mais. A água foi baixando, a carniça foi cada vez engrossando, e a cada hora mais olhos a cobra grande comia.

## IV

Cada bicho guarda no corpo tudo aquilo que comeu.

A novilha que só come trevo maduro deixa no leite o cheiro doce do milho verde. O porco que come carne selvagem, nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem. E o socó tristonho e o biguá matreiro até no sangue tem cheiro de pescado.

Assim funciona também nos homens, que até sem comer nada, tem nos olhos a cor dos seus arrancos.

O homem de olhos limpos é bonito e mão aberta.

Cuidado com os vermelhos e mais ainda com os amarelos.  
Tome cuidado em dobro com os raiados

e baços!

Assim foi também com a *boi-guassú*, que tantos olhos comeu.

## V

Todos – tantos e tantos olhos que a cobra grande comeu! Olhos que guardavam dentro de suas entranhas um rastilho da última luz que eles viram do sol, antes da noite grande que caiu... Eram tantos e tantos! – Com um pingo de luz cada um, foram devorados. No princípio um punhado, depois uma porção, em seguida um bocadão, e mais tarde como uma braçada...

## VI

E assim ela vai. . Como a *boi-guassú* não tinha pelos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca como o tatu ou couro grosso como a anta, o seu corpo foi ficando transparente, claro pelas milhares de luzinhas de tantos olhos que foram esmagados dentro dela, deixando cada qual sua pequena réstia de luz.

E lá vai afinal, a *boi-guassú*, toda ela uma luz imensa, um clarão sem chamas. No lugar da cobra-grande já era um



fogaréu azulado, de luz amarela, triste e fria, saída dos olhos, a última luz de quando ainda estavam vivos...

## VII

Foi assim e por isso que os homens, quando a viram pela primeira vez, não a reconheceram mais.

Assim, julgando que era outra, muito diferente, chamaram-na de boitatá, a cobra de fogo, *boitatá*, a *boitatá*!

E muitas vezes a *boitatá* rondava as fazendas.

Faminta, como sempre. Era nessa hora que o *quero-quero* cantava, como um bombeiro a avisar

do perigo.

Os homens, curiosos, olhavam pasmados para aquele grande corpo de serpente transparente, feita de fogo. Ela media mais que três laços de conta e ia iluminando vagamente as carquejas... E depois que a viam, todos choravam. Desatinados do perigo, suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que a *boitatá*, que ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, já que os da carniça findavam...

## VIII

Mas na escuridão só se via o clarão embaçado do corpo do boitatá, e era por ela que o *quero-quero* cantava de vigia,

em todas as horas da noite.

Passado um tempo, a *boitatá* morreu; de pura fraqueza, porque os olhos comidos encheram-lhe o corpo, mas não lhe deram sustância, já que a luz que os olhos traziam só tinha força quando eram vivos...

Depois de arrastar-se, irritada, pelos montes de carniça, as carnes desfeitas, os pelos soltos e os ossos esparramados, o corpo dela desmanchou-se, como se fosse feita de terra, desmanchando-se. E foi então que a luz que estava presa dentro dela se desatou por aí.

E até pareceu coisa mandada, por que logo em seguida o sol apareceu de novo!

## **IX**

Minto: apareceu, sim, mas veio de supetão.

Primeiro foi se adelgaçando o negrume, foram despontando as estrelas; e estas se foram sumindo no coloreado do céu; depois foi sendo mais claro, mais claro, e logo, na lonjura, começou a subir uma lista de luz... depois a metade de uma cambota de fogo... e já foi o sol que subiu, subiu, subiu até vir a pino e descambar, como dantes, e desta feita, para igualar o dia e a noite, em metades, para sempre.

## **X**